

PLACAR

EDITORA ABRIL
10 ANOS

4
COLE ESTE SELO NO
SEU CUPAO PARA GANHAR
A CAPA DO DICCIONARIO

REVISTA ESPORTIVA SEMANAL DA EDITORA ABRIL • N.º 550 • 14/NOVEMBRO/1980 • Cr\$ 70

Serginho, 2 a 1



OS ESPIÕES DO
SANTOS
MOSTRAM O
MAPA DA MINA

CARLOS
"SEREI TITULAR
ATÉ O
ANO 2000"

DÁ-LHE,
TRICOLOR

BOCA E SERPENTE SAEM
MORDENDO NO
PARANÁ

A VIRADA DA MÁQUINA

Na hora de decidir, ser máquina não é tudo. Por isso, o tricolor *humanizou* seu estilo e derrotou a Ponte (2x1), cumprindo meio caminho para vencer o 2.º turno e decidir o título com o Santos. Na quarta, só precisa do empate.

Renato (8) caído, meio time se reúne junto à bandeira de escanteio para comemorar o gol do empate.

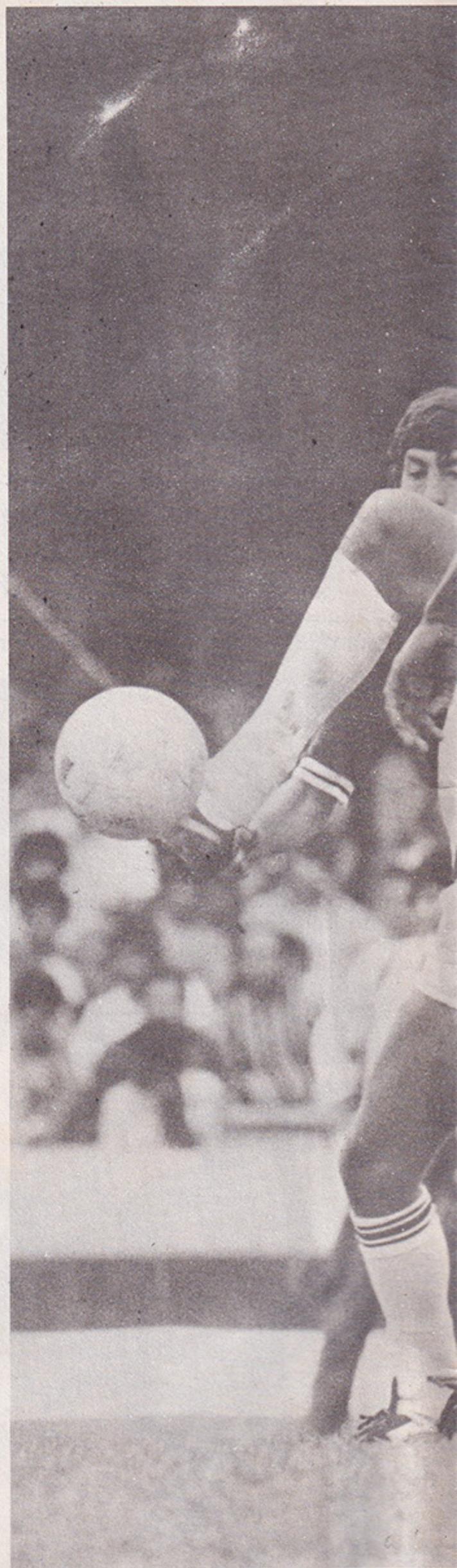




Paulinho foi um perigo, mas Oscar quase não lhe deu chances.



Paulo César perdeu dois gols feitos; Osvaldo lutou bravamente.



Serginho entortou toda a defesa e



fez o gol que garantiu o 2 a 1.

Serginho não sai mais?

Quando a porta do vestiário do São Paulo foi aberta à Imprensa, Serginho já havia subido para a concentração. No entanto, ele nunca esteve tão presente. Torcedores e diretores só falavam do gol que ele marcou, driblando Nenê por baixo das pernas, deixando Juninho caído com um drible seco e tocando mansamente a bola por baixo de Carlos.

Mais do que nunca Serginho foi o enigma que os são-paulinos não conseguem decifrar. Como um jogador pode se mostrar tão desmotivado dias antes e de repente mostrar garra e uma vontade de ganhar capazes até de o levarem a xingar um companheiro (Paulo César) de maneira constrangedora por não ter recebido uma bola quando estava livre dentro da área?

Um pouco antes das finais do 2.º turno, o diretor Jaime Franco conversou com o jogador, e prometeu vendê-lo tão logo terminasse o campeonato, pois Serginho não perdia a

menor oportunidade para dizer que queria ir embora. No vestiário porém, Jaime Franco já acreditava que Serginho ficaria no Morumbi sem qualquer problema. O que mudou? Aparentemente, nada. Afinal, o dirigente não possuía nenhuma nova informação que o levasse a acreditar numa mudança de posição de seu centroavante. A não ser o gol. A não ser a garra que ele mostrou em campo.

Na sexta-feira passada, quando correu a notícia de que o São Paulo contrataria Edmar, ao Taubaté, Serginho perguntou a um repórter:

— E se eu não quiser ir mais embora? Será que eles (os diretores) ficarão muito chateados?

Pelo contrário. Talvez fiquem apenas é um pouco mais intrigados com as suas bruscas mudanças de comportamento. Que tentarão contornar sempre, já que para os são-paulinos Serginho é o melhor centroavante do país.

De depois da vitória sobre a Ponte, domingo, era com indisfarçável orgulho que o técnico Carlos Alberto Silva falava da garra mostrada pelo São Paulo para virar o marcador de 1 a 0 contra para 2 a 1 a favor.

— Este é o São Paulo que eu quero ver sempre — dizia nas entrevistas.

Cinco metros adiante, Hélio Silva, presidente da torcida organizada, distribuía abraços esfuziantes a quem passasse à sua frente.

— Este é o São Paulo que a torcida quer ver sempre. Um time que mostra vontade de ganhar — gritava de olhos úmidos.

A máquina vencia. Mas não comovia a torcida

Nenhuma vitória neste campeonato entusiasmou tanto os torcedores tricolores como esta sobre a Ponte. É verdade que o São Paulo conseguiu belíssimas vitórias durante o segundo turno, como as goleadas sobre o Corinthians (4 x 0) e o Palmeiras (3 x 0). Mas, até então, o São Paulo não precisara mostrar garra para acumular 29 pontos ganhos e terminar o turno em primeiro lugar.

Bastou-lhe sempre a técnica. Que encantava, mas não comovia seus torcedores. Era a máquina tricolor de jogar futebol. Era o show.

Depois do tropeço, a recuperação decisiva

E os jogadores passaram a acreditar que somente uma técnica refinada e superior era o bastante para a conquista de um título. Antes do início do quadrangular decisivo do 2.º turno, eles não pensavam sequer nos próximos adversários. Tinham apenas uma preocupação: as finais com o Santos. Os jogos do quadrangular não passavam de um tedioso compromisso.

Como um eficiente mas frio computador, escolheram a Inter como o primeiro adversário. Ainda como um frio computador, começaram a primeira partida acreditando que ganhariam quando bem entendessem. A equipe de Limeira, porém, mostrou que não era bem assim.

— Aquela derrota foi muito boa. A gente estava meio de salto alto, achando que ganharia de qualquer um quando bem entendesse. Como foi a primei-



LEMYR MARTINS

Renato divide com Nenê: dois craques indo na bola com a dedicação que exige uma final de campeonato.

ra partida, a gente pôde se recuperar — explica o meia Heriberto.

Para a segunda partida contra a Inter, o São Paulo já era outro. Às qualidades que levaram torcida e imprensa a rotularem-no de máquina, somou uma combatividade não utilizada até então.

Oscar: “Não seremos campeões sem esforço”

— Talvez, se não tivéssemos sofrido aquela derrota, não estaríamos tão bem preparados para disputar o título como hoje — garante o capitão Oscar.

Por excesso de confiança, o São Paulo não conseguira sequer empatar a primeira partida contra a Inter. Já contra a Ponte, o time, sentindo medo da derrota, lutou para conseguir a vitória.

— Acho que um time tem que saber que é bom, que tem condições de ganhar de qualquer um. Ele não pode acreditar que será campeão sem esforço — diz Oscar.

Aquela surpreendente derrota para a Inter não mexeu apenas com o time. Mexeu principalmente com Oscar. A partir dali, ele resolveu assumir a sua condição de líder dentro da equipe. Logo aos quatro minutos de jogo na segunda partida contra a Inter, numa discussão sobre o local de uma falta, entrou no meio de quatro jogadores adversários e, aos empurrões, tomou-lhes a bola. Na partida contra a Ponte, foi a vez de Heriberto ser empurrado pelo beirão quando reclamava de uma falta.

— Assumi mesmo isso. Decisão é decisão. Vale a vontade acima de tudo. É preciso mostrar que está querendo ganhar.

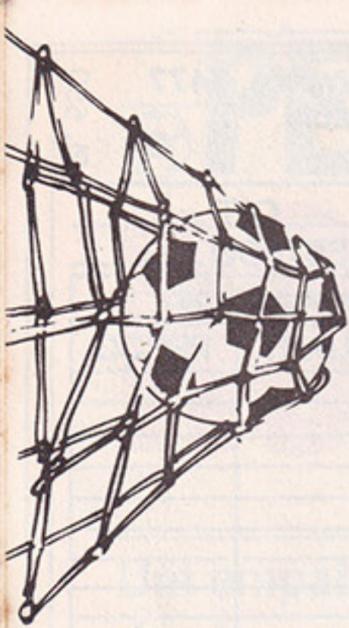
Essa vontade, os torcedores do São Paulo já sentiram que a equipe tem. E não era por outro motivo que o torcedor Hélio Silva estava quase às lágrimas nos vestiários no domingo.

Torcedor: “Quero um time grande, corajoso”

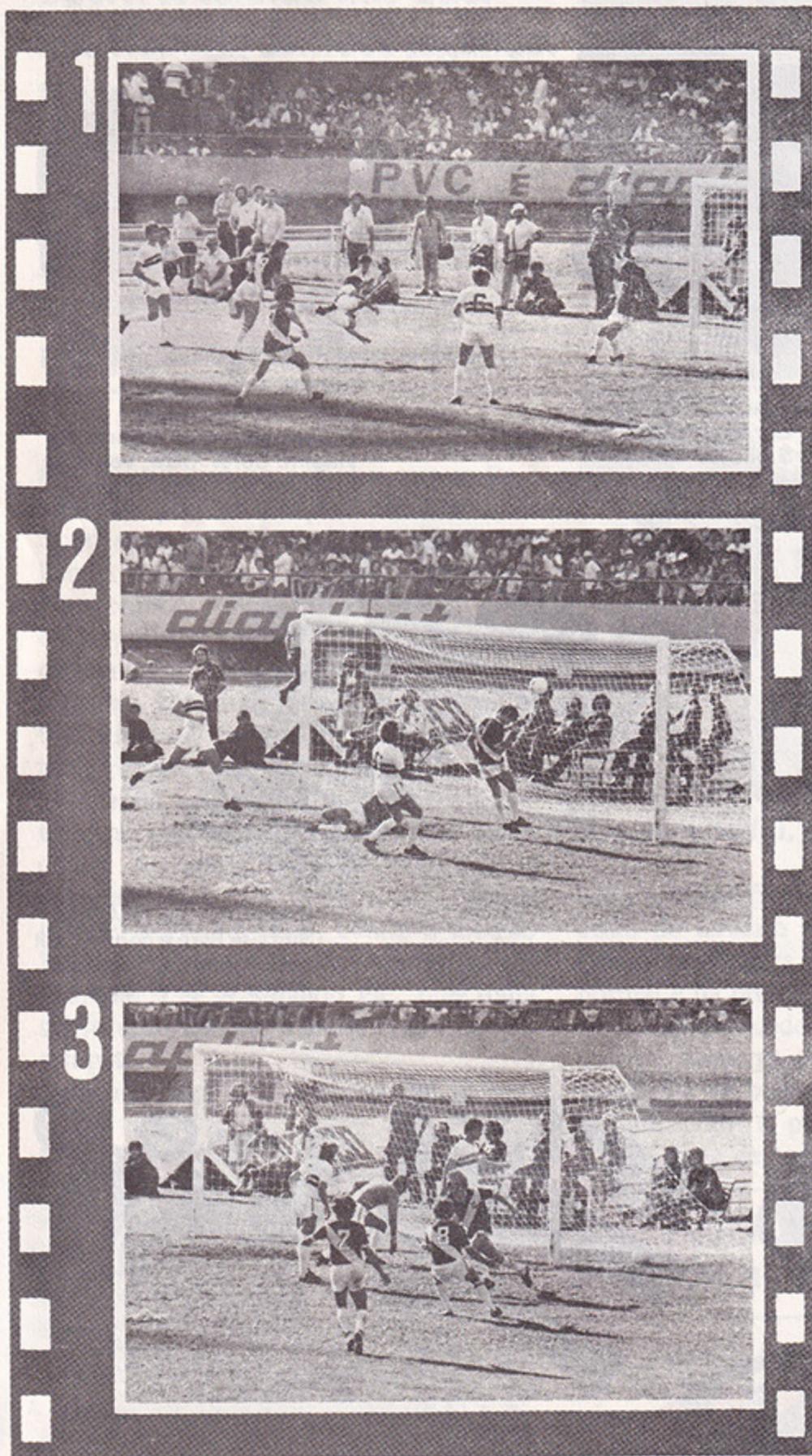
— É isso que a gente quer ver. Um São Paulo grande, corajoso.

Um time tão atrevido que seu líder, Oscar, chega a taxar o romântico Barão de Coubertin de “louco”.

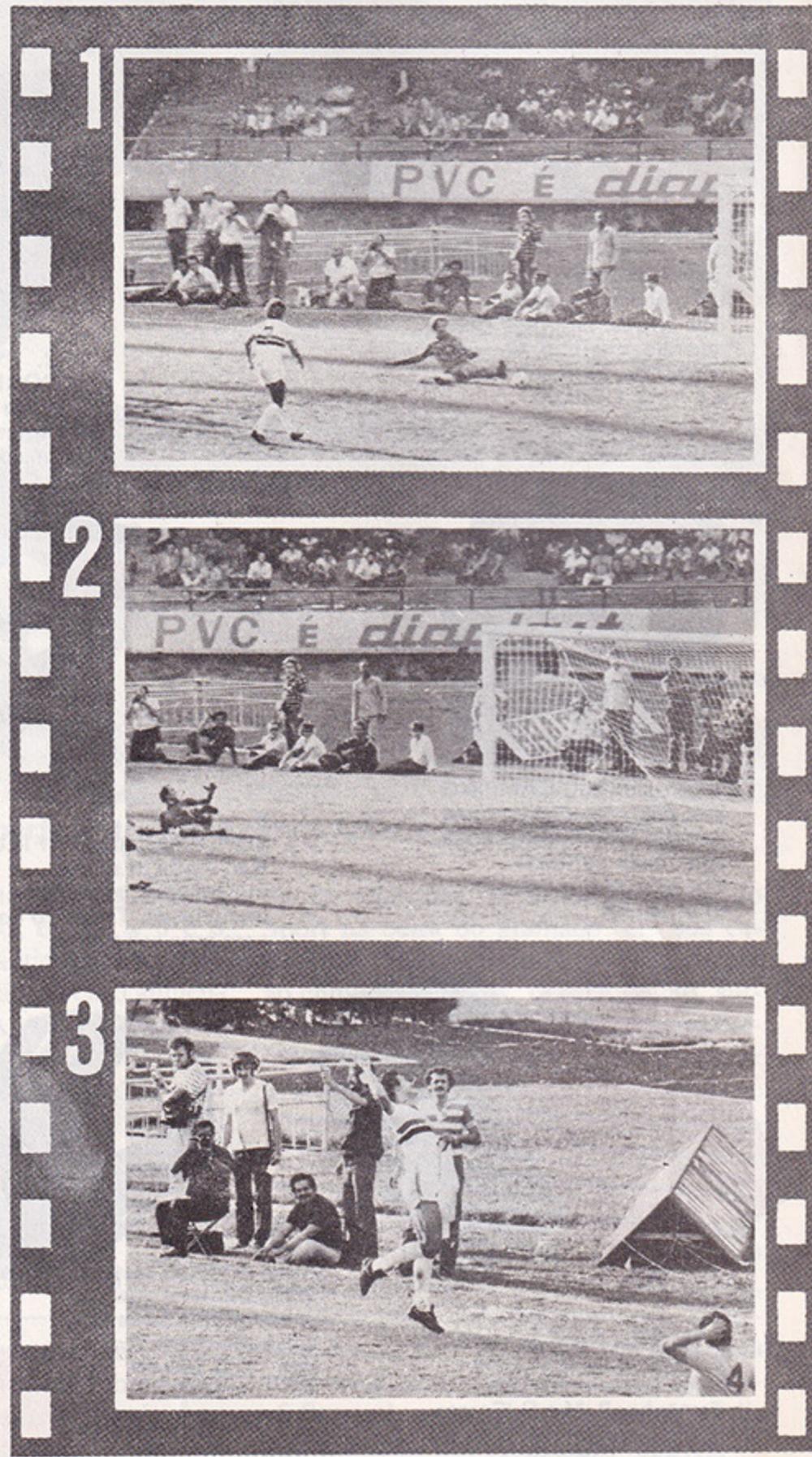
— Esse papo de que o importante é competir não está com nada. O importante é ganhar.



OS GOLS DA RODADA



São Paulo 2 x 1 Ponte — Paulinho e Gassém dividiram por cima. A bola sobrou para Barrinha fazer 1 a 0. Fotos Manoel Motta.



São Paulo 2 x 1 Ponte — Confusão na área. A bola fica para Renato (fora da foto) que empata e comemora. Fotos Manoel Motta.

1



2



3



4



São Paulo 2 x 1 Ponte — Serginho pegou na intermediária, levou Nenê, driblou Juninho e meteu por baixo de Carlos. Fotos Manoel Motta.

1



2



3



4



Flamengo 1 x 1 América — Zico recebeu, matou, tirou o zagueiro da jogada e fulminou. Era o empate. Fotos Ignácio Ferreira.



RONALDO KOTSCHO

OS ESPIÃOES DO SANTOS

Toninho Vieira vê o São Paulo, Zé Carlos acompanha a Ponte. Missão secreta: descobrir os caminhos que levem o Santos à vitória na decisão do Paulistão

Toninho Vieira

O fundamental é segurar Zé Sérgio e Renato. O Pita fará o resto...

Após acompanhar a trajetória do São Paulo nestes jogos decisivos do 2.º turno, Toninho Vieira, 21 anos, meia-armador do Santos, revela neste depoimento a Placar a fórmula para vencer o tricolor na decisão do título.

“O São Paulo é um time de toque de bola, como o Santos. Isso significa que eles deixam o adversário tocar a bola. Por isso, para nós será bem melhor que o São Paulo ganhe o 2.º turno e decida o título conosco.

Se isso acontecer, teremos de resolver dois grandes problemas chamados Zé Sérgio e Renato. O Zé Sérgio está arrebetando. O negócio é não deixar nem um milímetro de grama a seu dispor. Temos que colar nele, fazer uma rígida marcação homem a homem. Onde o Zé Sérgio for, o Néelson tem de ir atrás. E o seu Macia (Pepe) precisa liberar o Néelson da obrigação de apoiar, pois senão irá matá-lo de cansaço. No último clássico Santos x São Paulo, não demos a devida importância ao Zé Sérgio. Lembra-se do que aconteceu? No primeiro tempo, ele deitou e rolou. No segundo tempo, o seu Macia colocou o Zé Carlos para ajudar o Néelson, e o Zé Sérgio já não rendeu como no primeiro tempo. Em suma, temos que repetir este tipo de marcação, com o médio-volante também auxiliando o Néelson. Mas o principal, mesmo, é não deixar que o Zé Sérgio domine a bola.

Em decisão, time que toma gol está perdido

A outra marcação tem de ser feita em cima de Renato. Esse negócio de dizerem que ele está em má fase não cola. Sempre saem jogadas perigosas de seus pés, sempre. E tudo o que eu falei sobre o Zé Sérgio vale também para o Renato. Um jogador precisará ficar em cima dele o campo todo.

Bloqueando-se estes dois jogadores, anula-se quase que a totalidade do ataque do São Paulo. É lógico, a gente não pode se descuidar das avançadas do Getúlio, sempre surpreendente pela direita. O João Paulo não sabe acompanhar a descida do lateral. Por isso, o



RONALDO KOTSCHO

Pepe ao centro, os dois espíões contam, para os companheiros da Vila,

nosso meia também tem que estar atento ao Getúlio.

Nesta altura, você pode estar pensando que eu me esqueci de que o Santos precisa vencer, pois o São Paulo, na decisão do título, tem a vantagem de jogar pelo empate, por apresentar mais pontos ganhos em todo o campeonato paulista. Sim, o Santos precisa vencer, mas é fundamental ter essas preocupações defensivas. Por quê? Muito simples: numa final, o time que leva um gol dificilmente consegue virar a partida, pesa muito. Portanto, se não sofrermos gol já teremos andado meio caminho. Enfim, temos que apertar na marcação e sacrificar alguns jogadores, em favor do Pita, do Batata e do João Paulo, pois serão eles que decidirão a partida em favor do Santos.

Acho que a habilidade desses três jogadores, somada à nossa condição física, farão do Santos o time ligeiramente favorito. E digo mais: o Pita, se estiver aceso, se jogar tudo o que sabe, realmente vai ganhar o campeonato para nós. Se o São Paulo não fizer uma marcação rígida sobre ele, até com dois jogadores, vai dançar. Esse volante, o Almir, nas vezes em que o vi jogar, não me agradou. Por isso, repito: se o São Paulo escalar apenas o Almir em cima do Pita, vai ser moleza...

Além disso, realmente não podemos

esquecer destes dias que estamos descansando, só treinando, enquanto os outros times estão se comendo dentro de campo. É um ponto a nosso favor.

Outra coisa, não devemos esquecer duas coisinhas que são fundamentais: o Oscar está numa excelente fase, e por isso é bom nem pensar em cruzar bolas altas na área do São Paulo; segundo, te-

Uma arma: os chutes de longa distância

mos que evitar o choque corpo a corpo, porque eles são mais pesados que nós. Precisamos ter em mente o seguinte: cruzamentos, só a meia altura ou rasteiro; chutes de longa e média distância, sempre surpreendendo o Valdir Peres. Estamos treinando muito esse tipo de jogada. Aliás, nos nossos treinos de dois-toques, só vale gol feito de fora da área.

Acho que se tomarmos esses cuidados que lembrei, levaremos boas chances de conquistar o título paulista de 1980. Estamos preparados e, além disso, damos muita sorte contra o São Paulo.”

Toninho-Vieira



GAROTO DO PLACAR

Correspondência para o Garoto do Placar — Rua da Passagem, 123, 9.º andar — Rio de Janeiro, RJ — CEP 20000.

Tudo igual no dérbi campineiro

No confronto direto entre Ponte Preta e Guarani, quem tem mais vitórias? E quais as maiores goleadas?

Altair Aparecido de Matos, Novo Horizonte, MT.

Ângelo Santos Carvalhaes, Campinas, SP.

Ponte Preta e Guarani já jogaram 140 vezes. Cada time soma 50 vitórias, com 40 empates. Quanto às maiores goleadas, o Guarani venceu em 1948 por 5 a 0. Quatro anos mais tarde, a Ponte se vingava daquela humilhação ao vencer por 4 a 0.

Os goleadores da grande final de 70

Meus amigos e eu temos uma dúvida sobre o jogo decisivo da Copa de 70, entre Brasil e Itália. Será que vocês poderiam informar o tempo de jogo em que foram marcados os gols?

Dionízio de Melo Neto, Lavras da Mangabeira, CE.

Anote aí: Pelé aos 18 e Bonisegna aos 37 do 1.º tempo; Gérson aos 20, Jairzinho aos 25 e Carlos Alberto aos 42 do 2.º tempo.

Esta Taça nem o Santos tirou do Bahia

Publiquem a ficha técnica do jogo decisivo da Taça Brasil de 1959, entre Santos e Bahia.

Ismário Bispo de Lima, Feira de Santana, BA.

Para decidir a Taça Bra-

sil de 59, Santos e Bahia jogaram três partidas. Na primeira, em Vila Belmiro, o Bahia surpreendeu e venceu por 3 a 2. Na Fonte Nova, em Salvador, o Santos deu o troco: 2 a 0. Houve, então, o terceiro jogo, disputado em campo neutro, o Maracanã, em 29/3/60. O Bahia venceu por 3 a 1 e formou com Nadinho, Beto, Henrique, Vicente, Nenzinho, Flávio, Mário, Marito, Alencar, Léo e Biriba. O Santos foi de Lalá, Getúlio, Mauro, Formiga, Zé Carlos, Zito, Mário, Dorval, Pagão (Tite), Coutinho e Pepe. Os gols foram, pela ordem, de Coutinho, Vicente, Léo e Alencar.

Serginho, esse adorável catimbeiro



Serginho: o ex-ponta.

Publiquem por favor a ficha do centroavante catimbeiro Serginho.

José Paulo da Silva, Rio de Janeiro, RJ.

Sérgio Bernardino dos

Santos nasceu em São Paulo em 23 de novembro de 1954. Jogou pelos juvenis do São Paulo de 70 a 72, quando foi emprestado ao Marília para disputar o Paulistinha, torneio de clubes aspirantes à Divisão Especial (hoje, Primeira Divisão). Jogando pela ponta-esquerda, marcou dez gols. Depois disso, o São Paulo trouxe-o de volta para ser reserva do ponta Piau. Mas num jogo contra o América de Rio Preto, em 74, o centroavante Mirandinha fraturou a perna — Serginho entrou em seu lugar, marcou dois gols e acabou por tomar conta da posição.

Serginho foi o principal artilheiro dos campeonatos paulistas de 75, com 22 gols, e de 77, com 32. Em 78, julgado por agressão ao bandeirinha Vandevaldo Rangel, foi suspenso por 14 meses, dos quais cumpriu 12. Por causa desta suspensão, perdeu a chance de disputar a Copa do Mundo na Argentina.

Nome: Carlos Alberto Apelido: Pintinho

Qual o nome completo, data de nascimento e endereço para correspondência dos seguintes craques: Catinha, Roberto Dinamite e Pintinho?

Ivonaldo Brasileiro da Silva, São Paulo, SP.

Catinha — Elcir Andrade Branco, 4/2/58; Dinamite — Carlos Roberto Oliveira, 13/4/54; Pintinho — Carlos Alberto Gomes, 25/6/54.

O endereço para correspondência é o do Vasco: Rua General Almérico de Moura, 131, Rio de Janeiro, RJ.

Grêmio: os heróis do hepta em 1968

Gostaria de saber qual o time-base do Grêmio que conquistou o campeonato gaúcho de 68.

Luiz Fernando Lamego Velasco, Porto Alegre, RS.

Em 68, ao sagrar-se heptacampeão estadual, o Grêmio viu chegar ao fim seu longo reinado no futebol gaúcho. Já a partir do ano seguinte, começava o domínio do Internacional, que viria a tornar-se octacampeão.

De toda forma, os gremistas se recordam com orgulho daquele time de 68, formado por Arlindo (Alberto), Altemir (Renato), Ari Ercílio, Áureo (Paulo Souza), Everaldo, Cleo, Sérgio Lopes, Babá (Paíca), João Severiano, Alcindo e Loivo (Volmir).

Edmar: o goleador é do Cruzeiro de Minas



Edmar: o inegociável.

Este centroavante Edmar, que está emprestado ao Taubaté, pertence ao Cruzeiro de Belo Horizonte ou ao Cruzeiro que disputa a Terceira Divisão paulista?

Denise Ribeiro, São Paulo, SP.

Pertence ao Cruzeiro de Belo Horizonte que, aliás, não admite em hipótese alguma desfazer-se do jogador. Edmar foi emprestado ao Taubaté para ganhar experiência e, até o meio da semana passada, era o principal artilheiro paulista, com 17 gols.

IMAGENS DE PLACAR



LEMYR MARTINS



FLÁVIO CANALONGA

E O PÁRA-QUEDAS?

É um torpedo? Um pássaro? Um trovão?
Nada: é o goleiro Carlos que caiu do avião

LIMPEZA DE PELE

A chuteira tira as espinhas do rosto.
E o rosto tira os cravos da chuteira



LEMYR MARTINS

HOMEM A HOMEM?

Tem muito jogador que odeia quando o técnico manda marcar em cima, chegar junto, colar no adversário. Já os dois aí da foto...

HISTÓRIAS DO FUTEBOL

Por SANDRO MOREYRA*



JB SCALCO

QUE CARA BOM, SÔ! Airton ficou de boca aberta: não imaginava que o ponta fosse tão craque

Quando era o *Príncipe Danilo*, um dos maiores centro-médios do Brasil, Danilo Alvim, hoje excelente técnico, era uma parada para seus treinadores. Uma vez, em temporada com o Vasco, no México, chegou de madrugada ao hotel. Pela manhã, os jogadores reunidos, Flávio Costa anunciou a punição:

— O senhor Danilo, além de multado em 60% dos vencimentos, acaba de perder a condição de capitão do time.

— Seu Flávio, ser multado ainda vá lá, mas perder a posição de capitão, com isso eu não me conformo, vai arrasar minha vida — respondeu Danilo, com um ar tão falsamente pungente que Flávio Costa teve ímpetos de agredi-lo ali mesmo.

O repórter Ricardo Carpenter, conhecido como *Fantasma*, que ainda trabalha no *Jornal dos Sports*, telefonou para a casa do jogador Amoroso. Atendeu a mãe do jogador e, gentilmente, quis saber com quem falava.

— Aqui é o Fantasma.

— Vai brincar com a sua mãe, seu cretino — respondeu a senhora, batendo o telefone.

Ele esquecera que era dia de Finados.

Depois dos dois empates iniciais do Brasil na Copa da Argentina, baixou um desânimo geral, somente quebrado pelo otimismo de Heleno Nunes.

— A Seleção não está tão mal assim — argumentava o bravo almirante. — Vocês deviam ir ver no cinema. Vi os filmes e gostei muito do nosso desempenho.

Foi quando indagaram:

— Mas almirante, nós viemos aqui para ganhar a Copa ou o Oscar?

*Jornalista, botafoguense roxo. Sandro Moreyra celebrou-se pelas inconstantes e deliciosas histórias de futebol que colecionou ao longo de mais de 30 anos de crônica esportiva.

BREFOR/BURRO DA CENTRAL

pode lançar a bola ou mesmo penetrar.

BREFOR, *s. m.* Corruptela de Belfort (Duarte), jogador do passado, que popularizou uma jogada na qual a bola é tocada, no ar, com um dos pés e chutada com o outro ("Tirar de *brefor*").

BRINCAR EM SERVIÇO, *loc.* Descuidar-se da marcação de um adversário; não se empenhar o suficiente.

BRINCAR NAS 11, *loc.* Expressão pela qual um jogador se diz capaz de jogar em qualquer das 11 posições de um time.

BRINCO DE OURO DA PRINCESA, *n. p.* Nome do estádio do Guarani F. C. (Campinas, SP).

BRIOSIA, *s. f.* Apelido da A. A. Portuguesa (Santos, SP).

BUGRE, *s. m.* Designação do Guarani F. C. (Campinas, SP) e do Ajmore F. C. (São Leopoldo, RS). Usado também para designar outros

clubes com nomes indígenas.

BUMBA-MEU-BOI, *s. m.* Chute de um defensor, que sobe muito mas tem pouca extensão, quase sempre accidental. O mesmo que Viva-São-João.

BURACO, *s. m.* Brecha (V.). Usado na expressão *dar no buraco*:

passar a bola para um companheiro livre de marcação.

BURRA, *s. f.* Designação popular da Associação Portuguesa de Desportos (SP): a *Burra do Canindé*.

BURRO DA CENTRAL, *s. m.* Apelido do E.C. Taubaté (SP)



Estádio Brinco de Ouro da Princesa.

RONALDO KOTSCHO

26 Dicionário Placar

CAÇAPA/CAIXA

CAÇAPA, *s. f.* Meta, arco. *Estar na caçapa*: estar a bola no fundo do gol.

CAÇAR, *v.* Perseguir o adversário com deslealdade.

CAÇAR BORBOLETA, *loc.* Falhar por completo (o goleiro) ao tentar agarrar ou desviar com as mãos uma bola alta; catar mexerica.

CACARECO, *s. m.* Jogador imprestável. Time formado com jogadores dessa categoria. (Denominação dada por Gentil Cardoso a uma seleção de aspirantes que treinou.)

CACETADA, *s. f.* 1) Chute forte. 2) Pontapé violento desferido no adversário.

CACETE, *s. m.* Chute violento. *Baixar o cacete*: dar *cacetadas* (2); jogar com violência.

CACHORRADA, *s. f.* Forma de marcação, desprovida de técnica, na qual grande número de jogadores de um time persegue a bola e o adversário que a detém por todo o campo.

CACHORRADA, *s. f.* Designação pejorativa da torcida do Botafogo F. R. (RJ).

CACIQUE DO VALE, *s. m.* Apelido do Guarany Sporting Clube, de Sobral (CE).

CADEIRA, *s.* Assento, numerado ou não, que existe em recinto privado de certos estádios.

CADEIRA CATIVA, *loc.* 1) Cadeira adquirida em caráter permanente e que dá direito ao seu possuidor de assistir a todos os jogos realizados no estádio sem pagar entrada. 2) (Fig.) Posição assegurada num time, clube, entidade, etc.

CADETE, *s. m.* Designação do São Cristóvão F. R. (RJ) e de seus jogadores, clube onde antigamente os alunos da Escola Militar praticavam o futebol.

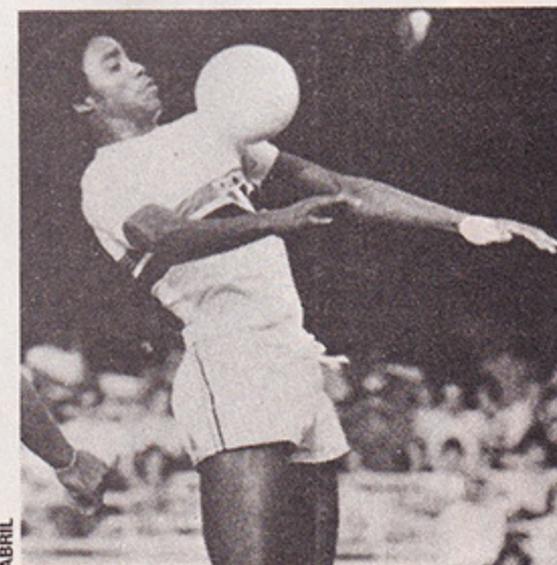
CÂIBRA ou **CÂIMBRA**, *s. f.* (Med.) Contração involuntária e dolorosa de um músculo ou grupo de músculos, que ocorre principalmente na perna do jogador em ação, ocasionada por fadiga muscular,

CAIR, *v.* 1) Desequilibrar-se e ir ao solo (o jogador). 2) Tomar uma determinada trajetória em direção ao solo (a bola).

CAIR DE MADURO, *loc.* Cair sozinho por cansaço ou falta de agilidade.

CAIR DE PODRE, *loc.* Cair de maduro.

CAIXA, *s. f.* Peito; tórax. *Matar na caixa*: dominar a bola com um toque no peito.



Matada na caixa.

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAHA
2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ